

Revista **MONXORÓS**

Ano 2, Nº 03, V. 01, 2025

ISSN: 2966-0017

[RESENHA]

SOUZA, Jessé. O pobre de direita: a revolta dos bastardos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024. 224 p.

Anderson Ribeiro do Rêgo¹

Francisco Vanderlei de Lima²

INTRODUÇÃO

O sociólogo Jessé de Souza, autor de clássicos instantâneos como 'A Ralé Brasileira' (2009) e 'A Elite do Atraso' (2017), dá continuidade aos seus estudos sobre a sociedade brasileira com sua nova obra 'O Pobre de Direita' (2024). Souza é reconhecido por suas análises críticas abordando o racismo, a desigualdade social, a estrutura de classes e a democracia no Brasil, tornando-se uma referência nas Ciências Sociais.

¹Advogado, bacharel em direito pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2023). Especialista em Direito Civil pela UNIASSELVI (2024). Mestrando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: andersonrego22@gmail.com

²Professor adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Doutor em sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2006). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1997) e graduado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (1994).

Na obra *O Pobre de Direita: A Vingança dos Bastardos*, Souza desenvolve uma análise crítica sobre o fenômeno aparentemente contraditório que é o apoio das classes populares à extrema direita, com destaque para o caso brasileiro. O autor apresenta uma interpretação diferente daquela de que o apoio à figuras de extrema direita, como Jair Bolsonaro, seria uma expressão de “irracionalidade” ou uma simples resposta a pautas morais e conservadoras, propondo, em vez disso, que essa adesão é um reflexo da manipulação das profundas “feridas morais” causadas pela exclusão e humilhação social, que foram construídas ao longo de décadas por uma elite que beneficia a si mesma à custa da maioria empobrecida. Para chegar às suas conclusões, Souza entrevista pessoas comuns que representam dois grandes grupos que sustentam a lógica do pobre de direita: “os brancos do sul” e o “negro evangélico”.

Já no prefácio da obra, o autor apresenta o conceito de “pobres de direita”, levantando questionamentos acerca do motivo de parcela da população pobre apoiar políticos que, em última análise, representam o oposto de seus próprios interesses econômicos. “Nunca foi a economia, seu tolinho”, uma clara provocação ao bordão do ex-presidente norte-americano Bill Clinton³, dá o tom de como Jessé de Souza abordará a manipulação das frustrações morais e do ressentimento de classes com a qual a direita brasileira alcança seu objetivo de ocultar o verdadeiro papel das elites econômicas, direcionando o ódio de parcela da população para alvos convenientes, como minorias e políticas públicas de inclusão social.

Quase que prevendo o ataque terrorista ao prédio do Supremo Tribunal Federal, em Brasília, quando um homem se explodiu trajado em referência ao anti-herói⁴, Jessé de Souza usa o filme *Coringa* (2019), de Todd Phillips, como

³ Na campanha presidencial de 1992, o marqueteiro James Carville criou o slogan “é a economia, estúpido”. A grande repercussão e impacto do bordão contribuiu para a vitória de Clinton contra o então presidente Bush (Barbosa, 2024).

⁴ “Francisco Wanderley Luiz, de 59 anos, apontado por ser o autor das explosões na Praça dos Três Poderes, na noite desta quarta-feira (13/11), usava uma roupa em alusão ao personagem “Coringa”, palhaço que interpreta um psicopata assassino” (Giovanni; Diogo, 2024).

uma metáfora para explorar as consequências do neoliberalismo, da pobreza internalizada e da ascensão de movimentos de extrema-direita, argumentando que esses fenômenos são parte de um sistema de opressão global que distorce a realidade e cria um ciclo de frustração e violência. “É essa situação de precariedade tanto material quanto cultural e simbólica que ajuda a esclarecer o que parece inexplicável. Essa é, também, a onda que a extrema direita surfa com desenvoltura” (Souza, 2024, p.18).

O autor destaca como o capitalismo norte-americano é singular, uma vez que possui uma capacidade ímpar de inovação e por sua abordagem de dominação econômica e simbólica. Esse “imperialismo informal” dos EUA se baseou mais na influência cultural e econômica do que na ocupação militar, o que possibilitou uma hegemonia duradoura. Souza também analisa o movimento de construção da extrema direita nos EUA, com destaque para o papel de elites econômicas em transformar ideias reacionárias em movimentos hegemônicos que, ao combinar lobby, propaganda e compra de influência política, consolidaram uma agenda reacionária dentro do Partido Republicano, culminando em grande impacto na eleição de 2016. O autor conclui que essa “revolução reacionária” moldou a política contemporânea dos EUA, conectando as ações de bilionários e grupos conservadores à ascensão da extrema direita global.

Assim, para Jesé de Souza, a ascensão de Trump obteve êxito ao usar o populismo de direita para canalizar alguns dos ressentimentos populares, combinando racismo reprimido e insatisfação econômica. Isso foi possibilitado pelo enfraquecimento da mídia plural e sindicatos, substituídos por veículos alinhados às elites. A manipulação das redes sociais catalizou a polarização da sociedade, com uso frequente de fake news para alimentar ódios e divisões.

No Brasil, Bolsonaro adaptou uma estratégia similar, como ataques às elites e uso de discursos antissistêmicos, apesar de ser um político tradicional. Souza destaca que tais movimentos exploram preconceitos e ansiedades populares, desviando a atenção das verdadeiras causas do empobrecimento, como o neoliberalismo. A extrema direita, ao corroer valores democráticos e disseminar mentiras, impõe uma lógica de guerra cultural e política para

enfraquecer os consensos civilizatórios e ampliar desigualdades. Assim, a retórica do moralismo seletivo da corrupção e o racismo “cultural” são estratégias históricas de manutenção do poder pelas elites brasileiras.

Esse contexto molda a extrema direita atual, que continua a deslegitimar líderes populares e a estigmatizar a maioria pobre e mestiça do país. O autor critica a visão simplista que considera o “pobre de direita” como desinformado e alienado, argumentando que seu apoio a lideranças como Bolsonaro resulta de uma disputa por reconhecimento social. É essencial compreender as relações entre moralidade, desigualdade e legitimação para desvendar os mecanismos de poder na sociedade brasileira, uma vez que, para parte da população, a luta diz respeito ao capital cultural legítimo e nem sempre ao capital econômico, monopolizado por uma classe média branca que atua como intermediária na manutenção da dominação social.

Souza destaca o preconceito regional no Brasil, demonstrando como ele substitui, de forma dissimulada, o racismo cultural em regiões como o Sul e São Paulo. Esse preconceito, segundo o autor, está diretamente ligado às disparidades raciais e sociais: um racismo “regional” ocultando preconceitos contra populações majoritariamente negras e mestiças, como as do Nordeste. Ao abordar essa perpetuação do racismo no Brasil, analisando como ele foi transmutado do racismo explícito, baseado em raça, para uma forma de “racismo cultural”, Souza aponta para a influência de São Paulo na construção de uma narrativa elitista que associa superioridade cultural e racial à herança europeia. Esse discurso tem uma função social ao permitir que as elites mantenham sua posição de poder ao mesmo tempo em que encobrem as verdadeiras causas da desigualdade social.

Por fim, o autor analisa os motivos que levam negros evangélicos a apoiarem figuras políticas de extrema direita, mesmo que esses sujeitos tenham enfrentando um histórico de racismo e exclusão social. Ao descrever como o pentecostalismo emerge nos EUA como oposição ao protestantismo histórico e à secularização, Souza contextualiza a relação entre religiosidade e classe social, dialogando com a obra de Max Weber, para explicar como determinados grupos sociais se tornam o apoio orgânico de líderes políticos

ou religiosos. A religiosidade mágica, predominante no pentecostalismo, é apontada como conservadora e não crítica, diferente da religiosidade ética, que busca transformar o mundo social. Jessé de Souza defende que o pentecostalismo atende às necessidades espirituais e sociais dessas populações marginalizadas, uma vez que oferece pertencimento e sentido em contextos de exclusão, contudo, também perpetua uma visão conservadora que resiste a mudanças estruturais. Portanto, a adesão de negros evangélicos a políticos como Bolsonaro reflete essa complexa relação entre religiosidade, identidade e contexto sociopolítico.

Referências bibliográficas

Giovanni, Pablo; Darcianne, Diogo. Homem que causou explosão nos Três Poderes usava roupa em alusão ao Coringa. **Correio Braziliense**. 2024. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2024/11/6988173-homem-que-causou-explosao-nos-tres-poderes-usava-roupa-em-alusao-ao-coringa.html>. Acesso em: 19 nov. 2024.

Barbosa, Flavia. Análise: é a economia, estúpido, que encaminha Trump à Casa Branca e remodela o cenário eleitoral dos EUA. **O Globo**. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/eleicoes-eua/noticia/2024/11/06/analise-e-a-economia-estupido-que-encaminha-trump-a-casa-branca-e-remodela-o-cenario-eleitoral-dos-eua.ghtml>. Acesso em: 22 nov. 2024.

SOUZA, Jessé. **O pobre de direita: a revolta dos bastardos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024. 224 p.